

Ensino - Aprendizagem da Língua Portuguesa

Ensino - Aprendizagem da Língua Portuguesa

EDITORA
* Luís Filipe Barbeiro
* Eduardo Fonseca
* Cristina Nobre
* Eugénia Machado



IPL



B 1 4 3 3 6 6 1

Ensino-aprendizagem da
língua portuguesa

8114.3

7

EDITORA

* Fátima Sequeira * Maria Raquel Delgado Martins * Inês Sim-Sim
* Inês Duarte * Ana Isabel Mata * Dília Ramos Pereira * Maria Helena Ançã
* Luís Filipe Barbeiro * Maria Alice Fernandes * José António Brandão Carvalho
* António de Deus Ponces de Carvalho * Maria José C. Reis Alves * Cristina Nobre
* Isabel Vila Maior * Eduardo Fonseca * Isabel Soares * Rui Manuel Vieira de Castro
* Maria de Lourdes Dionísio de Sousa * Rui Pires Marques Veloso

ESEL - IPL

94.02.09

ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

BIBLIOTECA
Escola Superior de Educação
LEIRIA

Estante: _____
Prateleira: _____
| _____

COMPRA
Campus 1
IPL
Instituto Politécnico de Leiria
Centro de Estudos Chineses
CB: B143366
COTA: DB12.1343/474

Quanto ao ensino da gramática volta-se a uma terminologia largamente tradicional mas nunca se justifica, pelo menos nos textos existentes neste momento, a opção por essa terminologia. Os programas assumem que não existe relação de causa e efeito entre o ensino da gramática, isoladamente, e a melhor produção discursiva dos alunos a que houve referência explícita em programas anteriores.

⑦ Em síntese, poderemos dizer que três paradigmas¹ principais do ensino da Língua Materna estão pressupostos na elaboração destes programas: o comunicativo (pela importância dada na aula de Língua Materna à comunicação como fenómeno de interacção social), o afectivo (pelo envolvimento afectivo, considerado motor da aprendizagem, que se pretende que os alunos tenham com a Língua Materna, pelo poder de selecção em função dos gostos pessoais que é conferido aos alunos) e o criativo (pela importância concedida à criatividade com a Língua e no uso da Língua). Poderemos, ainda, acrescentar que, tentando definir muito sumariamente o programa já existente e as propostas, consideraremos que eles apontam para novas atitudes quer do professor, quer dos alunos, quer da escola e mesmo da sociedade e para novas funções da comunicação não só dentro da sala de aula, mas mesmo no interior da escola e até com a sociedade.

¹Cf. FONSECA, E. "Paradigmas, Programas e Ensino da Língua Materna". *Revista Portuguesa de Educação*, 1990, 3 (3), pp. 51-61.

O Novo Programa de Língua Portuguesa do 1º Ciclo do Ensino Básico: Comunicação, Afectividade e Criatividade

Isabel Soares

Escola Superior de Educação, Inst. Polit. de Leiria

Nascido do desejo de mudança sentido pelo actual governo, o novo Programa do Primeiro Ciclo do Ensino Básico, aplicado experimentalmente durante o passado ano lectivo, surge-nos na sua versão final, depois de sofridas algumas alterações que a sua aplicação ditou.

Não cabe aqui falar-vos globalmente dele. Debruçar-me-ei apenas sobre a área de Língua Portuguesa. Nesta área, reconhece o Programa "a Língua Portuguesa como elemento mediador que permite a nossa identificação, a comunicação com os outros e a descoberta e compreensão do mundo que nos rodeia" (p. 97). Esta característica, que nos aponta a Língua como um meio de sermos e de nos relacionarmos, permite-nos resumir o Programa numa única palavra: COMUNICAÇÃO.

Se é verdade que comunicar pressupõe sempre mais do que um, somos levados a concluir que este é um programa aberto, de grande amplitude e sem sugestões metodológicas (à excepção do funcionamento da Língua, como veremos adiante) porque, finalmente, alguém se lembrou que não existe a Escola, mas sim escolas concretas, mutáveis em si mesmas e em relação umas às outras e que cada uma está inserida num espaço determinado, vivendo um tempo definido e que as crianças são filhas daquelas famílias, alunas daqueles professores. Existindo de comum uma lista de intenções (programa nacional), comunicar significa dizer quem somos, ouvir quem são os outros e descobrir o que significa ser de Leiria, de Braga, etc. É, por estas razões, o programa do diálogo, da cooperação, do confronto de opiniões, numa palavra, da curiosidade.

Curiosidade de saber, descobrindo-se e desenvolvendo-se "nas dimensões cultural, lúdica e estética da Língua, o gosto de falar, de ler e de escrever" (p. 98. O itálico é nosso).

Pedagogicamente centrado no aluno, este Programa permite o respeito do ritmo de aprendizagem de cada um e obriga-nos, implicitamente, a pensar que o professor terá de recorrer a estratégias diversificadas que permitam o atendimento de necessidades individuais e que as actividades de avaliação devem ser desenvolvidas num sentido construtivo e encorajador.

Este Programa, embora pressupondo uma prática integrada, apresenta-se em três blocos distintos nos domínios Comunicação Oral, Comunicação Escrita, Funcionamento da Língua - análise e reflexão.

No domínio da comunicação oral, são objectivos gerais comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza, desenvolver a capacidade de retenção da informação oral e criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral. São diversas as actividades propostas e surgem-nos distribuídas por anos de escolaridade, embora quase comuns, por um lado, aos primeiro e segundo anos, e, por outro, aos terceiro e quarto anos, o que sugere caber ao professor, de acordo com o ritmo de aprendizagem dos alunos, estabelecer uma complexidade progressivamente alargada nas diferentes actividades que estes desempenharão. De relevante neste domínio, sobressai o facto de se partir do princípio que a oralidade não é uma competência definitivamente adquirida à entrada para a Escola, mas que se "constrói e alarga progressivamente" (p. 99). Assim, o texto oral, tal como o escrito, passa a ter uma função e a fazer parte do acto comunicativo, pretendendo-se que a comunicação aconteça, não só entre professor e alunos, mas, e sobretudo, entre os alunos e os alunos.

No domínio da comunicação escrita, são objectivos gerais: desenvolver o gosto pela escrita e pela leitura (razão considerada necessária para a iniciação das crianças na leitura e na escrita); desenvolver as competências da escrita e da leitura e utilizar técnicas de recolha e organização da informação; "dar aos alunos a possibilidade de escre-

ver, encontrar com eles os sentidos implícitos nas suas tentativas de escrita [...] partir e apoiar-se nas suas produções significa construir com as crianças um percurso de descoberta e de redescoberta da Língua" (p. 107); o programa visa, ainda, o desenvolvimento progressivo da autonomia dos alunos face ao professor em termos de pesquisa da informação (consulta de dicionários, enciclopédias, etc.)

Neste domínio, aparecem citados uma única vez para o terceiro ano e outra para o quarto, os termos "cópia", "ditado", "ortografia". Terá sido distração dos Autores? Pondo-se a tónica na produção criativa de textos, (este Programa não exclui o imaginário das crianças, antes, pelo contrário, faz forte apelo à sua imaginação), nem uma só vez se fala em "redacção" (entendida como texto não livre, que obedece a certos constrangimentos, nomeadamente um plano), embora possamos entrevê-la implicitamente, quando o Programa do terceiro e quarto anos refere o "texto com tema sugerido". Igualmente, a palavra "caligrafia" nunca é citada ao longo do Programa e timidamente são referidas - e só para os terceiro e quarto anos - as novas tecnologias, o que nos leva a concluir que o computador é um luxo ainda não ao alcance de todos.

No domínio do funcionamento da Língua - análise e reflexão - só para os terceiro e quarto anos, cujo objectivo é levar os alunos a descobrirem os aspectos fundamentais da estrutura e do funcionamento da Língua a partir de situações de uso, o Programa sugere, para que tal se atinja, que este módulo "deve ser entendido como um instrumento de descoberta e de desenvolvimento das possibilidades de uso da Língua e de aprendizagem da Escrita e da Leitura" (p. 120). Aponta-nos, assim, claramente, que o método indutivo (partir do exemplo para induzir a regra) deve ser o utilizado no ensino/aprendizagem da gramática.

Acerca deste Programa gostaria de dizer como Garcia Lorca: "deixaram a janela aberta e, ao amanhecer, todo o céu entrou por ela", mas, neste momento, ainda não consigo saber se este será o programa do nosso contentamento ou da nossa redobrada angústia.

Este Programa, propositadamente ambíguo e de difícil leitura, que fixa finalidades tão gerais que nada é particularmente novo, mas

em que tudo terá de ser diferente, lembra-me o então chamado "Programa Laranja", saído em 1975. Embora sem a carga ideológica, menos aberto que esse e globalmente apostado numa pedagogia de sucesso, não posso deixar de recordar as diferenças abissais que o Programa de 1975 provocou em termos de ensino/aprendizagem da Língua Materna. Receio bem que também agora a nossa própria angústia traduzida no desejo de que os nossos alunos atinjam níveis de desempenho elevados, a falta de definição clara de metas de aprendizagem e a habituação ao programa de 1980, mais fácil de ler, onde se diz com precisão o que se pretende com cada conteúdo, em que as correntes pedagógicas apontam claramente como metas: leitura e escrita, desenvolvimento vocabular, correcção linguística, passagem do uso espontâneo ao uso reflexivo da Língua e o uso desta como sinal de união de toda a comunidade Lusíada, nos façam esquecer os princípios da pedagogia contemporânea tão claramente apontados no novo Programa: ensino/aprendizagem centrado nos alunos, desenvolvimento e valorização das capacidades criativas e imaginativas e desenvolvimento progressivo da autonomia dos alunos face ao professor.

Perante um Programa que sugere COMUNICAÇÃO, propõe o diálogo, a cooperação, o confronto de opiniões, que aponta a afectividade como razão necessária a toda a aprendizagem, que apela ao imaginário, incentiva a criatividade, mas, por outro lado, é ambíguo, de grande amplitude, sem metas de aprendizagem claramente definidas, sem sugestões metodológicas (salvo, como vimos antes, uma única excepção relativa ao ensino da gramática) e de difícil leitura, teremos de aguardar que o tempo nos diga se pela "janela" entrou o céu ou a tempestade.

Os Novos Programas de Português - Algumas Notas

Rui Manuel Vieira de Castro
Maria de Lourdes Dionísio de Sousa

Instituto de Educação, Universidade do Minho

0.

No quadro da reforma do sistema educativo em curso desde 1986, e após um período de aplicação experimental, foram aprovados novos programas para a disciplina de Português nos ensinos básico e secundário.

Dado o papel duplamente regulador da prática pedagógica que os textos programáticos tendem a assumir quando se constituem como referência para a organização das acções pedagógicas e para a construção de materiais de apoio (manuais escolares ou outros) - que os transforma num importante factor de definição de uma disciplina cujas fronteiras nem sempre têm surgido nitidamente delimitadas - parece importante uma discussão sobre aqueles textos. Esta discussão assumirá aqui a forma de um cotejo dos programas com perspectivas identificáveis no campo da Didáctica do Português que consideramos válidas.

A análise que nos propomos instituir como objecto as concepções sobre ensinar e aprender português que relevam dos programas, e a concepção de texto programático adoptada, no seu desenho e nas funções que lhe são cometidas. O comentário será centrado nos programas propostos para o 3º ciclo, incidindo sobretudo nos aspectos individualizadores da disciplina e será referido, num primeiro momento, às propostas de finalidades, objectivos e avaliação, atendendo, depois, aos conteúdos, processos de operacionalização e aos aspectos específicos da didáctica do Português identificados.¹

¹ Em consequência, não analisaremos a rubrica relativa a indicações metodológicas